TRILHA DE LEITURA

Introdução ao Novo Testamento

Os quatrocentos anos entre Malaquias e Mateus, e o mundo que Jesus encontrou

TEMA

Os quatrocentos anos entre Malaquias e Mateus não foram o silêncio de Deus, mas o canteiro de obras em que nasceram a língua, a tradução, a sinagoga e as estradas por onde o evangelho entraria no mundo.

TEXTOS-BASE

Malaquias 3:1 | João 10:22
Lucas 3:1 | Gálatas 4:4

Ítalo Moiá

PARTE 1

O buraco que ninguém avisa que existe

Imagine que alguém te dê um livro grosso e diga: leia. Você lê a primeira parte e entende. Um povo, um Deus, um templo, profetas falando. Aí você vira uma página, começa a segunda parte, e de repente aparecem palavras que você nunca viu, grupos que você não sabe quem são, soldados de um império que não foi citado antes e um povo esperando alguém que ninguém explicou quem é.

É isso que acontece quando você fecha Malaquias e abre Mateus.

Na sua Bíblia, essas duas páginas estão coladas uma na outra. Na história real, entre elas passaram quase quatrocentos anos. Quatro séculos inteiros. Nasceram e morreram gerações. Impérios subiram e caíram. O mundo do último profeta do Antigo Testamento não é o mesmo mundo em que Jesus nasceu.

E ninguém avisa isso ao leitor.

Por isso ele abre Mateus e tropeça. Aparece sinagoga, e ele não sabe o que é. Aparece fariseu, saduceu, escriba, e ele não sabe quem são. Aparece publicano, e ele acha que é algum tipo de pecado. Aparece sinédrio, soldado romano, um templo gigantesco e um povo inteiro esperando um Messias. Nada disso existia no tempo de Malaquias, pelo menos não daquele jeito.

Esse texto existe para fechar esse buraco. Você não vai precisar de outro livro. O que você precisa saber está aqui.

E uma coisa precisa ficar dita logo no começo:

> GUARDE ISTO
>
> Os quatrocentos anos não foram silêncio de Deus. Foram preparação.

PARTE 2

Onde o Antigo Testamento parou

Um povo que voltou para casa e encontrou pouco

Para entender onde estamos, precisamos lembrar onde o Antigo Testamento nos deixou.

No ano 587 antes de Cristo, o exército da Babilônia derrubou Jerusalém, destruiu o templo que Salomão tinha construído e levou o povo embora, à força, para uma terra distante. Isso é o que chamamos de exílio.

Quase cinquenta anos depois, um novo império, o dos persas, derrotou a Babilônia. E o rei persa, chamado Ciro, tinha outra política: em vez de manter os povos arrancados de suas terras, ele deixava cada povo voltar para casa e reconstruir seu templo, desde que continuasse fiel ao império e pagasse os impostos. É esse decreto que você lê em Esdras 1:2-4.

O povo voltou. Mas voltou pouco.

A maior parte dos judeus que morava na Babilônia já tinha construído casa, aberto negócio e formado família por lá. Ficou. Os que voltaram encontraram uma terra pequena, empobrecida, com Jerusalém em ruínas e um povo vivendo da lavoura, sem dinheiro nenhum.

Eles reconstruíram o templo, e ele ficou pronto por volta do ano 515 antes de Cristo. Só que não era como o antigo. Era menor, mais simples, mais pobre. E aconteceu uma cena triste: os mais velhos, aqueles que ainda se lembravam do templo de Salomão, começaram a chorar quando viram o que tinha sido construído (Esdras 3:12). Não era choro de alegria. Era choro de decepção.

O profeta Ageu precisou consolar aquela gente. Ele disse, da parte de Deus, que a glória daquela casa nova seria maior que a da primeira (Ageu 2:9). Guarde essa promessa. Ela vai voltar.

E tem mais uma coisa importante. Quando o povo voltou, não voltou o rei. Não houve restauração do trono de Davi. Judá voltou como uma província de um império estrangeiro, governada por um governador nomeado de fora. Quem ficou mandando por dentro, no dia a dia da religião e do povo, foi o sumo sacerdote.

Anote esse detalhe. O cargo de sumo sacerdote virou o cargo mais poderoso de Jerusalém. E cargo poderoso vira cargo disputado. Isso vai dar problema.

Malaquias e um povo cansado

O livro de Malaquias foi escrito mais ou menos cem anos depois desse retorno. E ele mostra o clima daquela gente.

O templo está funcionando, mas o coração não está ali. Os sacerdotes levam para o altar animais defeituosos, os piores do rebanho. O dízimo não chega. Os casamentos estão se desfazendo. E o povo começa a perguntar se vale a pena servir a Deus, já que os arrogantes é que parecem prosperar (Malaquias 3:14-15).

Não é rebeldia aberta. É cansaço.

É a religião de um povo que voltou do exílio esperando o cumprimento de tudo o que os profetas prometeram, e recebeu uma província pobre no canto do mapa. Eles esperavam glória e receberam poeira.

E é aí, nesse clima cansado, que o Antigo Testamento se encerra com duas promessas penduradas no ar.

A primeira: Deus vai mandar um mensageiro para preparar o caminho dele (Malaquias 3:1). A segunda: antes do grande dia do Senhor, virá o profeta Elias (Malaquias 4:5).

Essas duas promessas ficam suspensas por quatrocentos anos. Ninguém aparece. Nenhum profeta reconhecido fala. Até que, séculos depois, um homem estranho aparece no deserto, vestido de pelos de camelo, chamando o povo ao arrependimento. E os Evangelhos vão dizer, sem rodeio, que aquele homem é o cumprimento dessas duas promessas (Marcos 1:2-3; Mateus 11:14).

> GUARDE ISTO
>
> Malaquias termina fazendo uma pergunta. Os Evangelhos começam dando a resposta.

PARTE 3

A Grécia chega

Um rapaz de trinta e poucos anos que mudou o mundo

Enquanto a Judeia vivia sua vidinha pobre debaixo dos persas, um rapaz do norte da Grécia estava montando um exército.

Alexandre, da Macedônia. Em 333 antes de Cristo ele derrotou o exército persa. Depois desceu pela costa, tomou cidade por cidade, entrou no Egito e fundou uma cidade nova que levaria o nome dele: Alexandria. Guarde esse nome também.

A Judeia mudou de dono sem nem lutar. O exército passou, e ela passou junto.

Alexandre morreu jovem, com trinta e dois anos, em 323 antes de Cristo. E morreu sem deixar herdeiro claro. O resultado foi o que era de esperar: os generais dele brigaram pela herança durante quarenta anos.

Dois desses generais interessam para a nossa história.

Um deles ficou com o Egito. O outro ficou com a Síria. E adivinhe o que fica bem no meio do caminho entre o Egito e a Síria? A Judeia.

Durante todo um século, esses dois reinos brigaram passando por cima da terra do povo de Deus. Primeiro a Judeia ficou nas mãos dos reis do Egito, e foi um tempo relativamente calmo: eles cobravam imposto pesado, mas não mexiam no templo. Depois, no ano 198 antes de Cristo, os reis da Síria venceram uma batalha e tomaram a Judeia para si.

Essa troca de dono parece um detalhe. Não é. É o pavio de tudo o que vem a seguir.

A pressão para virar grego

Alexandre e os que vieram depois dele não levavam só soldados. Levavam um modo de viver.

Onde chegavam, construíam cidades no estilo grego: com teatro, com praça de assembleia, com escola e com o ginásio, que era o centro de treinamento físico dos jovens. E o grego virou a língua de tudo. Da administração, do comércio, dos contratos, da vida pública.

Esse processo de fazer o mundo inteiro viver à moda grega tem um nome: helenização.

E preste atenção neste ponto, porque ele é fino. No começo, a helenização não foi imposta na força. Ela foi por atração.

Ninguém precisava obrigar. Quem quisesse comerciar, precisava do grego. Quem quisesse ocupar cargo público, precisava do grego. Quem quisesse ser respeitado, lido, levado a sério, precisava do grego. A pressão não vinha de uma espada apontada. Vinha da vergonha de ficar para trás.

PARA ENTENDER O CONTEXTO

E teve um detalhe que machucou fundo. Nas cidades gregas, o ginásio era onde os jovens da elite se formavam, e ali se treinava com o corpo nu. Só que todo homem judeu carregava no corpo a marca da aliança com Deus, a circuncisão. Naquele ambiente, aquela marca virava motivo de humilhação.

E há registros de judeus de família sacerdotal que se submeteram a procedimentos para disfarçar a circuncisão, só para poder frequentar o ginásio de Jerusalém sem passar vergonha.

Pare e pense no tamanho disso. Homens dispostos a apagar do próprio corpo o sinal da aliança com Deus, para serem aceitos pela cultura da moda.

Aí o povo se rachou em dois. De um lado, as famílias ricas e boa parte da alta sacerdotalidade, que viram na cultura grega uma oportunidade e quiseram modernizar Jerusalém. Do outro, os que entenderam que a aliança estava sendo dissolvida por dentro e resistiram.

Essa rachadura, entre os que se acomodam e os que resistem, é o eixo de todo o período. E ela ajuda a explicar por que, dois séculos depois, os grupos religiosos do tempo de Jesus vivem tão obcecados por fronteiras: quem é puro, quem é impuro, quem está dentro, quem está fora. Aquilo não nasceu do nada. Nasceu de uma cicatriz.

Uma língua que o mundo inteiro fala

Junto com o modo de viver grego veio uma coisa que ninguém previu que seria tão importante: uma língua comum.

O grego que se espalhou não era o grego difícil dos filósofos de Atenas. Era um grego mais simples, mais popular, misturado e padronizado nos exércitos e nas cidades novas. Era o grego do povo, da rua, do mercado.

E pela primeira vez em séculos, o mundo inteiro em volta do mar Mediterrâneo falava uma língua só. Da Itália até as fronteiras da Pérsia dava para fechar negócio, escrever contrato e mandar carta em uma única língua, e ser entendido.

Guarde isso. É nessa língua comum que o Novo Testamento vai ser escrito. Não na língua elegante dos sábios. Na língua da rua.

E isso não é um detalhe. É uma informação teológica. Diz muito sobre quem Deus queria alcançar.

A Bíblia é traduzida, e isso muda tudo

Agora vem uma das coisas mais importantes deste estudo. Preste atenção nela.

Lá em Alexandria, no Egito, morava a maior comunidade judaica fora da Judeia. Milhares de judeus, nascidos e criados fora da terra dos pais, vivendo há gerações naquela cidade grega.

E aconteceu o inevitável: eles foram perdendo o hebraico.

Os filhos e os netos já não entendiam a língua em que as Escrituras tinham sido escritas. Iam à leitura pública e não compreendiam. Um povo com a Bíblia na mão e sem conseguir ler a própria Bíblia.

A solução foi traduzir. E por volta do ano 250 antes de Cristo, começaram a traduzir as Escrituras do hebraico para o grego. Primeiro os cinco livros de Moisés, depois o restante, ao longo de dois séculos.

Essa tradução tem um nome: Septuaginta. A palavra vem do latim e quer dizer setenta, por causa de uma antiga história que dizia que setenta e dois anciãos judeus tinham sido chamados para fazer o trabalho. A história é provavelmente lenda. A tradução é real, e ela mudou o rumo da história.

Por que essa tradução importa tanto? Por três motivos bem concretos.

O primeiro: quando os autores do Novo Testamento citam o Antigo Testamento, a maioria das vezes eles citam essa versão grega. Existem cerca de trezentas citações claras do Antigo Testamento dentro do Novo, e a maior parte delas segue a tradução grega. Ou seja, a Bíblia que Paulo carregava debaixo do braço, na prática, era essa.

O segundo: essa tradução criou o vocabulário. Quando os tradutores precisaram achar uma palavra grega para dizer aliança, para dizer Senhor, para dizer assembleia do povo de Deus, para dizer ungido, eles escolheram palavras. E são exatamente essas palavras que o Novo Testamento vai usar depois. Quando Paulo escreve a igrejas gregas, ele está usando um vocabulário que já vinha carregado de séculos de uso judaico.

O terceiro, e talvez o mais impressionante: essa tradução abriu a porta.

Sem ela, quando os primeiros pregadores cristãos saíssem de Jerusalém, teriam que começar do zero. Explicar quem é o Deus de Israel para quem nunca ouviu falar. Explicar Abraão, Moisés, a Lei, os profetas, tudo.

Com ela, já existiam, espalhadas pelo império inteiro, casas de reunião onde as Escrituras eram lidas em grego. E, dentro delas, gente que não era judeu, mas que já conhecia a história, já conhecia o Deus de Israel e já esperava alguma coisa.

O caminho estava aberto antes de o primeiro missionário sair de casa.

> GUARDE ISTO
>
> Isso não foi coincidência. Isso foi Deus trabalhando enquanto ninguém estava olhando.

PARTE 4

A perseguição e a revolta

O rei que proibiu a fé

No ano 175 antes de Cristo subiu ao trono da Síria um rei chamado Antíoco.

Ele mesmo se deu um apelido pomposo: o deus manifesto. Os inimigos dele trocavam uma letra e o chamavam de outra coisa: o louco.

Antíoco herdou um reino quebrado, cheio de dívidas, obrigado a pagar uma indenização pesada a Roma. Ele precisava de dinheiro. E foi buscar dinheiro em Jerusalém.

Só que a podridão não começou nele. Começou dentro de Jerusalém mesmo.

O cargo de sumo sacerdote, que era o cargo mais sagrado do povo, virou mercadoria. Um homem chamado Jasão comprou o cargo do rei, prometendo pagar mais impostos, e junto conseguiu autorização para transformar Jerusalém numa cidade grega, com ginásio e tudo. Depois um outro, chamado Menelau, ofereceu ainda mais dinheiro e comprou o cargo de Jasão. E esse Menelau nem era da linhagem certa de sacerdotes.

Entenda o que estava acontecendo. A elite religiosa de Jerusalém estava leiloando o serviço do templo. Vendendo o altar de Deus para o maior lance.

A crise começou de dentro para fora, e não de fora para dentro. Isso quase sempre é assim.

Em 169 antes de Cristo, Antíoco entrou no templo e roubou o tesouro. No ano seguinte, ele foi humilhado publicamente pelos romanos no Egito. Um enviado de Roma desenhou um círculo na areia em volta do rei e exigiu que ele respondesse ali dentro, antes de dar um passo, se ia recuar ou não. Antíoco recuou. Voltou para casa humilhado e furioso.

E descontou nos judeus.

Em 167 antes de Cristo, Antíoco fez uma coisa que nenhum rei grego tinha feito antes: proibiu a religião judaica.

Não foi uma proibição parcial. Foi total. Virou crime circuncidar um filho. Virou crime guardar o sábado. Virou crime ter em casa um rolo da Lei. Virou crime oferecer sacrifício no templo.

As cópias das Escrituras foram queimadas em praça pública. Mães que circuncidaram seus filhos foram executadas, com os bebês junto. E em cima do altar do

templo de Deus foi erguida uma estrutura dedicada a Zeus, o deus dos gregos, e porcos foram sacrificados ali.

O lugar mais santo do povo virou chiqueiro de ídolo.

O livro de Daniel já tinha falado desse horror (Daniel 11:31; 12:11). E Jesus, séculos depois, retoma essa mesma imagem quando fala do futuro (Mateus 24:15).

Os Macabeus e a luta

A reação começou numa aldeia pequena, chamada Modim.

Um sacerdote velho chamado Matatias foi convocado a oferecer o sacrifício proibido. Ele se recusou. E quando viu um judeu se adiantando para obedecer ao rei, Matatias matou o judeu e matou o oficial do rei ali mesmo.

Depois fugiu para as montanhas com cinco filhos.

O terceiro filho, chamado Judas, ganhou um apelido que ficou na história: Macabeu, que provavelmente quer dizer martelo. E esse homem comandou uma guerra de guerrilha, com camponeses armados, contra um exército profissional muito maior e muito melhor equipado.

E venceu.

Em 164 antes de Cristo, os revoltosos retomaram o monte do templo. Derrubaram o altar profanado, construíram um novo e restauraram o culto ao Deus verdadeiro.

Essa rededicação do templo virou uma festa anual, chamada festa da Dedicação. Os judeus a celebram até hoje.

E agora repare numa coisa bonita. Essa festa aparece no Novo Testamento. João escreve:

> *“Chegou a época da festa da Dedicação, em Jerusalém. Era inverno”*
>
> João 10:22 (NVI)

Jesus está caminhando pelo templo, durante a festa que celebra a purificação daquele mesmo templo. E ele é o verdadeiro templo. João não explica isso. Ele conta com um leitor que sabe.

Você acabou de virar esse leitor.

A independência que apodreceu

A luta continuou depois da morte de Judas. Os irmãos dele assumiram, e aos poucos foram arrancando concessões do império. Por volta de 142 antes de Cristo, conseguiram a isenção de impostos, o que na prática significava independência.

Pela primeira vez desde a queda de Jerusalém, mais de quatrocentos anos antes, o povo judeu tinha um Estado próprio.

E aí vem a parte triste.

A família de Matatias governou por cerca de oitenta anos, e acumulou os dois cargos: sumo sacerdote e chefe de governo. Poder religioso e poder político na mesma mão.

E o poder fez com eles o que costuma fazer.

Um deles conquistou territórios vizinhos e obrigou o povo de uma região inteira, chamada Idumeia, a se circuncidar à força. Guarde esse detalhe, porque ele vai voltar de um jeito que você não espera. Esse mesmo governante destruiu o templo dos samaritanos.

Isso ajuda a entender uma frase que você vai ler em João. Quando a mulher samaritana se espanta de Jesus falar com ela, o texto explica: “Pois os judeus não se dão bem com os samaritanos” (João 4:9). Aquela inimizade não era implicância boba. Era uma ferida com data e endereço.

Outro governante dessa família foi o primeiro a se chamar de rei, o que era uma pretensão problemática, porque eles eram sacerdotes, e não descendentes de Davi. Outro ainda, chamado Alexandre Janeu, governou como qualquer rei grego cruel: fez guerras de expansão e chegou a mandar crucificar oitocentos opositores em Jerusalém enquanto banqueteava.

Entenda a ironia amarga disso. A dinastia que nasceu de uma revolta contra a helenização terminou completamente helenizada. Eles lutaram contra os gregos e viraram gregos.

E acabou como tinha começado, em briga interna. Dois irmãos disputaram o trono. E cometeram o pior erro possível: chamaram Roma para arbitrar a briga.

Quando você chama o lobo para apartar a briga das ovelhas, o lobo não vai embora depois.

Onde está essa história, e por que ela não está na sua Bíblia

Agora precisamos parar e resolver uma dúvida honesta que você já deve estar tendo.

Você vai procurar Antíoco na sua Bíblia e não vai achar. Vai procurar Judas Macabeu e não vai achar. Vai procurar a origem da festa da Dedicação entre Malaquias e Mateus e não vai achar nada, porque entre Malaquias e Mateus não tem nada. Tem só uma folha em branco.

Então de onde saiu tudo isso que você acabou de ler?

Saiu de livros de história. Existem escritos judaicos antigos, chamados 1 e 2 Macabeus, escritos poucas décadas depois dos acontecimentos, que contam essa guerra. E existe um historiador judeu chamado Flávio Josefo, que viveu no primeiro século, depois de Jesus, e escreveu a história do povo dele em grego. É por meio desses escritos que sabemos o que aconteceu naqueles séculos.

E agora vem o ponto que precisa ficar bem claro na sua cabeça.

Esses livros são fontes históricas boas. Qualquer historiador sério do período usa esses livros, inclusive os mais conservadores. Mas ser uma boa fonte histórica não é a mesma coisa que ser Escritura.

A questão não é de suspeita. É de tipo de leitura.

Ler 1 Macabeus para entender de onde vieram os fariseus é o mesmo tipo de coisa que ler um livro de história para entender quem era Herodes. Ajuda a compreender o cenário. Ilumina o fundo do palco. Mas você não abre esses livros esperando ouvir a voz de Deus dizendo o que você deve crer e como deve viver. Para isso, você abre a Bíblia.

História é uma coisa. Escritura é outra. As duas servem, mas não servem para a mesma coisa.

Não deixe ninguém transformar isso em briga. A sua Bíblia não está incompleta. Ela simplesmente não é um livro de história geral, e nunca prometeu ser. Ela é a Palavra de Deus, e Deus escolheu o que colocar ali dentro.

O que estamos fazendo aqui é o que qualquer bom professor faz antes de abrir um texto: contar o que estava acontecendo no mundo naquela época, para que o texto faça sentido.

PARTE 5

Roma toma conta

O general que entrou onde não devia

No ano 63 antes de Cristo, o general romano Pompeu estava reorganizando toda aquela região do Oriente para Roma. Os dois irmãos judeus que brigavam pelo trono foram até ele, cada um pedindo apoio.

Pompeu resolveu do jeito de Roma. Cercou Jerusalém, tomou a cidade depois de três meses de cerco e entrou no templo.

E não parou na porta. Ele entrou no Lugar Santíssimo, a parte mais sagrada do templo, onde só o sumo sacerdote podia entrar, uma vez por ano. Entrou só para ver o que tinha lá dentro. Por curiosidade.

Ele não levou nada. Mas o estrago já estava feito. Um pagão tinha pisado no chão mais sagrado do povo de Deus, e o povo nunca esqueceu.

A independência que os Macabeus conquistaram com sangue durou uns oitenta anos. E terminou porque os próprios judeus chamaram Roma para dentro de casa.

A partir dali, a Judeia é território de Roma. Paga imposto a Roma. Obedece a Roma.

E aqui nasce a pergunta política que atravessa o Novo Testamento inteiro: como é que um povo cuja fé mais básica é dizer que o Senhor é rei vive debaixo de um imperador que se apresenta como filho de deus e salvador do mundo?

Essa pergunta não é acadêmica. Ela custava a vida das pessoas.

Herodes, o construtor sanguinário

Agora aquele detalhe que eu mandei você guardar volta.

Lembra do povo da Idumeia, que foi obrigado a se circuncidar à força pelos governantes judeus? Pois é de lá que vem a família de Herodes.

Herodes era, portanto, judeu de segunda ou terceira geração. Descendente de convertidos à força. E o povo de Jerusalém nunca deixou ele esquecer disso. Ele era rei sem ser aceito, e essa insegurança explica muita coisa da crueldade dele.

O senado romano o nomeou rei dos judeus. Ele levou três anos para conquistar de fato o trono, à força.

E governou por mais de trinta anos com duas marcas: eficiência e violência.

Do lado da eficiência, ele construiu. Construiu um porto artificial no mar. Construiu fortalezas no deserto. Construiu palácios. E fez a obra que mudou a paisagem de Jerusalém: reformou o templo.

Aquele templo pequeno, pobre, que fez os velhos chorarem quando voltaram do exílio, foi transformado por Herodes em um dos maiores complexos religiosos do mundo antigo. Uma coisa gigantesca, de deixar qualquer visitante de queixo caído.

A obra durou tanto que ainda estava em andamento no tempo de Jesus. Você lê isso no Evangelho de João, quando dizem a Jesus: “Este templo levou quarenta e seis anos para ser construído” (João 2:20).

GUARDE ISTO

E aqui você lembra da promessa de Ageu, lá atrás, sobre a glória maior daquela casa. Só que a glória maior daquela casa não foi a pedra que Herodes empilhou. Foi o homem que andou por dentro dela.

Do lado da violência, Herodes matou uma das esposas, matou três filhos e matou o cunhado e o velho sumo sacerdote. Ele nomeava e demitia sumos sacerdotes conforme dava na cabeça dele, o que rebaixou de vez aquele cargo que já vinha sendo vendido.

Quando Mateus conta que Herodes mandou matar os meninos de Belém (Mateus 2:16), isso não destoa em nada do que sabemos desse homem. Matar crianças de uma aldeia pequena era, para Herodes, um dia comum de trabalho.

Quando ele morreu, o reino foi dividido entre três filhos. Um ficou com a Judeia e governou tão mal que Roma o depôs, e é por causa dele que José desvia o caminho ao voltar do Egito (Mateus 2:22). Outro, chamado Herodes Antipas, ficou com a Galileia, e é esse o Herodes que aparece na maior parte dos Evangelhos: o que mandou matar João Batista e diante de quem Jesus foi levado no dia do julgamento (Lucas 23:7).

Quando aquele primeiro filho caiu, Roma passou a governar a Judeia diretamente, por meio de um governador romano. E é assim que Lucas abre o capítulo 3 do seu Evangelho, situando tudo num mapa político real:

> *“No décimo quinto ano do reinado de Tibério César, quando Pôncio Pilatos era governador da Judeia”*
>
> Lucas 3:1 (NVI)

Isso não é enfeite. É Lucas dizendo: isso aconteceu de verdade, num lugar de verdade, com autoridades que existiram de verdade.

Impostos e publicanos, os homens mais odiados

Agora vamos entender de uma vez quem era o publicano, porque você vai encontrar essa palavra dezenas de vezes.

PARA ENTENDER O CONTEXTO

Roma cobrava dois tipos de imposto. Havia o imposto direto, sobre a terra e sobre as pessoas, recolhido pela administração. E havia os impostos indiretos: pedágio na estrada, taxa de mercado, taxa de pesca, imposto de alfândega na fronteira.

E o jeito de cobrar esses impostos indiretos era assim: Roma leiloava o direito de cobrar. Quem arrematava, adiantava o dinheiro para o Estado. Depois ia lá e cobrava da população. Tudo o que passasse do valor adiantado ficava no bolso dele.

Você já entendeu o problema. Esse sistema não só permitia o roubo. Ele praticamente pedia o roubo.

Esses cobradores são o que a Bíblia chama de publicanos. Não é um pecado, não é uma seita, não é uma doença. É uma profissão: cobrador de impostos para Roma.

E era um homem odiado por três motivos somados.

Primeiro, porque ele roubava. Cobrava mais do que devia e ficava com a diferença. Não é à toa que, quando esses homens perguntam a João Batista o que devem fazer, a resposta é simplesmente: “Não cobrem nada além do que lhes foi estipulado” (Lucas 3:13). Só isso já seria uma revolução.

Segundo, porque ele trabalhava para o ocupante. Era judeu ganhando dinheiro do sofrimento do próprio povo, a serviço do inimigo. Era visto como traidor.

Terceiro, porque ele vivia lidando com estrangeiros e com moedas que traziam a cara do imperador. Estava sempre em contato com o que o povo considerava impuro.

Some tudo isso e você entende por que a expressão “publicanos e pecadores” (Lucas 15:1) aparece tanto. Não é força de expressão. É como aquela sociedade realmente classificava aquelas pessoas.

Foi um desses homens que Jesus chamou para segui-lo, sentado na sua mesa de cobrança (Marcos 2:14). Foi na casa de um desses, o chefe deles em Jericó, que Jesus se convidou para almoçar (Lucas 19:2).

E agora imagine o peso na cabeça de um camponês da Galileia. Ele pagava o imposto de Roma. Pagava o imposto do templo, que era judaico e cobrado à parte (Mateus 17:24). Pagava os dízimos. Pagava taxas locais.

Muitos se endividavam. Muitos perdiam a terra. E é por isso que tantas parábolas de Jesus falam de dívida, de credor, de terra perdida e de servo endividado. Aquilo não era metáfora distante. Era a vida deles.

A armadilha da pergunta sobre o imposto

Agora você já tem tudo o que precisa para entender uma das cenas mais tensas dos Evangelhos.

Eles perguntam a Jesus se é certo pagar imposto a César (Marcos 12:13-17).

Parece uma pergunta inocente. Não é. É uma armadilha montada com cuidado, e não tem saída.

Se Jesus responder que sim, deve-se pagar, ele está se declarando publicamente colaborador do ocupante. O povo, que sofria com aquele imposto, vira as costas para ele na hora. Acabou o movimento.

Se Jesus responder que não, não se deve pagar, ele acabou de cometer crime contra Roma. É rebelião. Rebelião contra Roma se pagava com a cruz.

Não havia terceira resposta. Ou ele perdia o povo, ou ele perdia a vida.

E ainda tem o detalhe da moeda. A moeda que Jesus pede para ver trazia estampada a cara do imperador Tibério e uma inscrição que o chamava de filho do divino Augusto. Ou seja: uma imagem esculpida e uma declaração de que um homem era deus, tudo isso dentro do bolso de gente que confessava não ter outro Deus além do Senhor.

Era um objeto constrangedor de se ter no bolso, dentro de Jerusalém. E quando Jesus pede que alguém lhe mostre a moeda, ele revela que alguém ali tinha uma.

PARTE 6

O que os quatrocentos anos produziram

Chegamos ao ponto mais prático deste estudo. Vamos agora ver, um por um, os grupos e as instituições que você vai encontrar em Lucas e em Atos sem que ninguém pare para te explicar o que são.

O leitor que entra em Mateus encontra um mundo que Malaquias não reconheceria. Cada peça desse mundo nasceu nesses quatrocentos anos.

A sinagoga

Sinagoga é uma palavra que quer dizer reunião, ajuntamento.

Pense assim: era a casa de reunião do povo judeu, no bairro, na cidade, na aldeia. Não era um templo. Só existia um templo, em Jerusalém, e só lá se ofereciam sacrifícios. A sinagoga era outra coisa.

Ela provavelmente nasceu da necessidade. Quando o templo foi destruído e o povo levado para longe, eles ficaram sem altar, sem sacrifício e sem lugar de culto. Então passaram a se reunir em volta do que sobrou: as Escrituras. Liam, ensinavam, oravam.

E deu tão certo que a sinagoga virou instituição permanente. No tempo de Jesus, havia sinagoga em toda parte. Na Galileia, na Judeia e em cada cidade do império onde houvesse judeus. Ela funcionava como sala de leitura, escola das crianças, tribunal para pequenas causas e centro da vida da comunidade.

Se hoje temos igrejas de bairro, com culto, ensino e vida em comum, você tem uma ideia razoável do que era aquilo.

E olhe a importância disso para a nossa história. Jesus ensina nas sinagogas, e é numa delas, em Nazaré, que ele lê o rolo de Isaías e anuncia que aquilo se cumpriu naquele dia (Lucas 4:16-21). E Paulo, quando chega numa cidade nova, a primeira coisa que faz é ir à sinagoga (Atos 13:14; 17:1-2). Sempre.

Sem essa rede de casas de reunião, espalhada pelo mundo inteiro, a pregação cristã não teria por onde entrar.

Deus preparou a porta antes de mandar quem entraria por ela.

Os fariseus

O nome fariseu provavelmente quer dizer os separados.

Eles apareceram como grupo naquele período de brigas que vimos. Na maioria, não eram sacerdotes. Eram gente comum: mestres, artesãos, pequenos proprietários. Gente do povo.

E a proposta deles era séria e, no fundo, bonita. A Lei exigia dos sacerdotes um nível alto de pureza para servir no templo. Os fariseus queriam levar esse mesmo nível de dedicação para a casa de qualquer judeu comum. Para a mesa da cozinha. Para o trabalho no campo. Para o dia a dia.

Eles criam na ressurreição dos mortos, criam em anjos, criam em espíritos, e criam que, ao lado da Lei escrita, havia uma tradição de ensinamentos passada de mestre para discípulo, que também tinha autoridade.

Aquela tradição existia por um motivo prático. A Lei era antiga, e a vida trazia perguntas novas. O que exatamente conta como trabalho no sábado, se você mora numa cidade e não numa tenda? Quanto peso já é carga? Foram séculos de decisões sobre casos assim, passadas de boca em boca. Os Evangelhos chamam isso de tradição dos líderes religiosos (Marcos 7:3).

Agora, cuidado com uma coisa. A gente aprendeu a usar a palavra fariseu como sinônimo de hipócrita, e isso esconde o que realmente estava acontecendo.

O conflito de Jesus com os fariseus não é o conflito entre dois mundos opostos. É o conflito entre dois grupos próximos.

Repare no que eles concordavam. Jesus e os fariseus concordavam sobre a ressurreição dos mortos. Concordavam sobre os anjos. Concordavam sobre a autoridade das Escrituras. Concordavam sobre o dever de obedecer a Deus de coração.

A briga não era sobre se devemos obedecer. Era sobre como.

Tanto que o próprio Paulo, já convertido, ainda se apresenta como fariseu (Atos 23:6).

E isso torna a coisa mais séria, não menos. Porque significa que dá para acertar quase tudo na doutrina, ser sincero, ser dedicado, ser respeitado, e ainda assim não reconhecer Jesus quando ele passa na sua frente.

Os saduceus

Se o fariseu era o homem do povo, o saduceu era o homem do poder.

Os saduceus eram a aristocracia sacerdotal. As famílias ricas ligadas ao templo. Eram poucos, mas eram os que mandavam.

E eram os que negociavam com o poder de cada época. Negociaram com os governantes judeus, depois negociaram com Herodes, depois negociaram com Roma. Sempre com quem estivesse mandando.

Eles aceitavam a autoridade da Lei escrita, mas rejeitavam aquela tradição oral dos fariseus. E, principalmente, negavam a ressurreição dos mortos.

É por isso que eles vêm a Jesus com aquela pergunta capciosa sobre a mulher que teve sete maridos, querendo saber de quem ela seria esposa na ressurreição (Marcos 12:18-27). Eles não estavam com dúvida sincera. Estavam tentando mostrar que a ressurreição era uma ideia ridícula.

Lucas resume a diferença entre os dois grupos numa frase:

> *“Os saduceus dizem que não há ressurreição nem anjos nem espíritos, mas os fariseus admitem todas essas coisas”*
>
> Atos 23:8 (NVI)

E entenda o interesse deles. Para o saduceu, o templo era ao mesmo tempo a fonte do seu poder e a fonte do seu dinheiro. O que ele mais queria era estabilidade. Ele não queria confusão.

Aí aparece um profeta da Galileia atraindo multidões, falando de reino, e o povo começa a se agitar. Isso, para o saduceu, era ameaça direta. Se Roma se assustasse, mandaria o exército, e o templo iria junto.

É exatamente esse cálculo frio que João registra na boca de Caifás, o sumo sacerdote (João 11:48-50). Não foi teologia que condenou Jesus naquela sala. Foi conta de padaria.

E o fim é uma ironia. Quando o templo foi destruído pelos romanos, no ano 70, os saduceus simplesmente desapareceram da história. Eles tinham construído tudo em cima do templo. O templo caiu, e eles caíram junto.

Os essênios

Esse grupo não aparece pelo nome no Novo Testamento, mas vale conhecer, porque ele mostra que tipo de mundo era aquele.

Os essênios eram os radicais da separação. Eles olharam para Jerusalém, viram o sumo sacerdócio comprado e vendido, e concluíram: aquilo tudo está corrompido, não dá para consertar.

Então saíram. Foram viver em comunidades próprias, no deserto, perto do mar Morto. Viviam sob disciplina rígida, dividiam os bens entre si e esperavam uma guerra final entre os filhos da luz e os filhos das trevas.

Em 1947, um pastor de cabras achou por acaso, dentro de cavernas naquela região, os escritos dessa gente, guardados em jarros. Foi um dos maiores achados da história.

E o que esses escritos mostraram é importante para você: o povo judeu daquela época era muito mais dividido e diverso do que a gente imagina. Não havia um único jeito de ser judeu. Havia vários, e eles brigavam entre si.

Aquele mundo estava fervendo. Não era um lago parado esperando uma pedra. Era uma panela na boca do fogão.

Os zelotes

No ano 6 depois de Cristo, quando a Judeia virou província administrada diretamente por Roma, os romanos fizeram um recenseamento para cobrar imposto direito.

E um homem chamado Judas, o galileu, liderou uma revolta contra isso. Ele foi esmagado. Gamaliel menciona esse caso em Atos 5:37 como um assunto encerrado.

A tese desse grupo era simples e radical: pagar imposto a César é reconhecer outro senhor além de Deus. Ponto. Portanto, não se paga. E se for preciso pegar em armas, pega-se em armas.

Essa é a raiz do que depois se chamou de zelotes. E essa corrente esteve viva o século inteiro, com movimentos populares, bandos armados e até assassinos urbanos que andavam com punhal escondido debaixo do manto e matavam colaboradores no meio da multidão.

Agora repare em três coisas.

Primeira: entre os doze discípulos de Jesus havia um chamado Simão, o zelote (Lucas 6:15). Jesus chamou, para o mesmo grupo, um cobrador de impostos de Roma e um homem do partido que queria matar cobradores de impostos de Roma. Pense no que era aquela mesa.

Segunda: Barrabás, o homem que a multidão pediu no lugar de Jesus, estava preso por rebelião e homicídio (Marcos 15:7). Ele era exatamente o tipo de messias que muita gente queria: um homem armado.

Terceira, e a mais pesada: a crucificação era a pena que Roma reservava para escravos e rebeldes políticos. E a placa que puseram sobre a cabeça de Jesus, dizendo rei dos judeus, não era zombaria à toa. Era a acusação formal. Roma matou Jesus como mataria um zelote.

Os escribas

Essa é a mais simples de todas, e a mais mal entendida.

Escriba não é um partido religioso. É uma profissão. O escriba era o homem do texto: o que sabia copiar, ler e interpretar as Escrituras.

Lembre que naquele mundo quase ninguém sabia ler. Quem dominava o texto tinha autoridade automática, porque o povo dependia dele para saber o que estava escrito.

Esdras é chamado de “escriba versado na Lei de Moisés” (Esdras 7:6). É esse o tipo de homem.

E como escriba é profissão e não partido, havia escribas fariseus e havia escribas ligados aos sacerdotes. É por isso que, nos Evangelhos, você vê os escribas ora do lado dos fariseus, ora do lado dos principais sacerdotes. Não é confusão do texto. É que eles trabalhavam para os dois lados.

O sinédrio

Sinédrio quer dizer conselho, assembleia.

Era o tribunal supremo do povo judeu, com sede em Jerusalém. Cerca de setenta homens, presididos pelo sumo sacerdote, e formados por principais sacerdotes, anciãos das famílias importantes e escribas.

Pense num tribunal supremo que também é o conselho religioso máximo. As duas coisas juntas.

Roma deixava esse conselho cuidar dos assuntos internos e religiosos dos judeus, mas guardava para si um poder: o de aplicar a pena de morte. É por isso que, quando querem matar Jesus, eles precisam levá-lo a Pilatos e dizem: “Não nos é permitido executar ninguém” (João 18:31).

É diante desse conselho que Jesus é julgado. É diante dele que Pedro e João são levados. É diante dele que Estêvão é acusado antes de ser apedrejado. E é diante dele que Paulo vai se defender.

Você vai encontrar essa palavra várias vezes em Atos. Agora você sabe o que ela é.

Os judeus espalhados pelo mundo

Aqui está um dado que quase ninguém sabe e que muda o jeito de ler o Novo Testamento.

No primeiro século, a maioria dos judeus do mundo não morava na terra de Israel.

Leia de novo. A maioria morava fora.

Havia grandes comunidades judaicas na Babilônia, no Egito, na Síria, na Grécia, na atual Turquia e na própria cidade de Roma. Cada uma com suas sinagogas, suas escolas e sua organização. Alexandria, no Egito, tinha um bairro judaico enorme.

A esse espalhamento se dá o nome de diáspora, que quer dizer dispersão.

E veja como isso aparece na Bíblia. No dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo desce, Lucas lista os povos e os lugares de onde vinham os judeus que estavam

ali em Jerusalém (Atos 2:9-11). Aquela lista não é enfeite. É a fotografia exata do mundo judaico daquele momento, todo reunido numa praça.

O que parecia castigo, o povo espalhado, Deus usou como estrutura. A rede já estava montada. Só faltava a notícia.

Os estrangeiros que iam à sinagoga

E agora o detalhe mais bonito de todos.

Dentro dessas sinagogas espalhadas pelo império havia um grupo curioso de pessoas: gente que não era judia.

> PARA ENTENDER O CONTEXTO
>
> Eram estrangeiros, gente das nações, que tinham se cansado dos deuses do próprio povo e ficado impressionados com aquele Deus único dos judeus, e com aquela moral séria e limpa. Então começaram a frequentar a sinagoga. Ouviam as Escrituras lidas em grego. Aprendiam. Guardavam parte dos costumes.
>
> Mas paravam na porta.
>
> Porque dar o passo final significava se circuncidar e se tornar judeu de fato, e isso queria dizer romper com a família, abandonar as festas da cidade e perder a própria identidade e o próprio lugar no mundo. Era caro demais.

O Novo Testamento chama essas pessoas de tementes a Deus. Cornélio, o oficial romano, é um deles (Atos 10:2). Lídia, a vendedora de tecidos, é uma delas (Atos 16:14).

Entenda o que estava acontecendo aí. Era gente que já conhecia o Deus de Israel. Já lia as Escrituras. Já queria entrar. E estava parada na soleira da porta, presa por uma exigência de entrada.

E aí chega o evangelho e diz: a porta está aberta. A entrada não é pela circuncisão. É por Cristo.

Você entende agora por que essa mensagem se espalhou como fogo em mato seco? Havia gente esperando por ela em cada cidade, e nem sabia o nome do que esperava.

E você entende também por que a discussão de Atos 15 e a carta aos Gálatas foram tão tensas. O que estava em jogo não era teoria. Era a vida dessas pessoas.

A esperança pelo Messias, e a forma que ela tinha tomado

Chegamos ao coração da coisa.

Messias quer dizer ungido. No Antigo Testamento, ungir com óleo era o gesto que separava alguém para uma função dada por Deus. Reis eram ungidos. Sacerdotes eram ungidos.

Mas ao longo desses quatrocentos anos, debaixo do grego e depois debaixo de Roma, essa palavra foi ficando estreita. E a esperança tomou um formato bem definido na cabeça do povo.

O Messias esperado era um rei, da linhagem de Davi, que faria quatro coisas. Expulsaria os invasores. Limparia Jerusalém. Restauraria o reino de Israel. E colocaria as nações debaixo do domínio de Deus.

Um homem armado. Um libertador político. Um novo Davi, com espada.

E não é difícil entender por quê. Um povo pisado por quatro impérios seguidos, com um general pagão pisando no Lugar Santíssimo e soldados estrangeiros patrulhando as ruas de Jerusalém, esperava um Deus que reagisse do jeito que se reage a isso: com força.

Havia outras figuras na expectativa, é verdade, e elas não formavam um sistema organizado. Esperava-se também um profeta como Moisés (Deuteronômio 18:15). Daniel tinha falado de “alguém semelhante a um filho de homem, vindo com as nuvens dos céus” (Daniel 7:13).

Mas uma coisa quase não circulava: a ideia de um Messias que sofre. A leitura do servo que padece, de Isaías 53, como retrato do Messias, praticamente ninguém fazia.

Guarde bem isso, porque é a chave de tudo.

GUARDE ISTO

O povo estava esperando um vencedor. Deus mandou um crucificado.

E isso explica, sem precisar de mais nada, tudo o que você vai ler nos Evangelhos.

Explica a multidão que quer proclamar Jesus rei à força e ele foge (João 6:15). Eles não estavam entendendo. Estavam tentando encaixá-lo no molde que já tinham na cabeça.

Explica Pedro. Ele confessa, com toda a fé do mundo, que Jesus é o Cristo. E poucos versículos depois, quando ouve que esse Cristo vai sofrer e morrer, ele repreende Jesus (Marcos 8:29-32). Não é falta de fé. É excesso de expectativa errada.

Explica os discípulos discutindo quem vai ter o melhor cargo no reino. Eles estavam dividindo os ministérios de um governo que imaginavam que ia começar na semana seguinte.

Explica o desabafo dos dois homens na estrada de Emaús, depois da cruz, quando tudo tinha desabado: “e nós esperávamos que ele fosse aquele que ia redimir Israel” (Lucas 24:21). Repare no tempo do verbo. Esperávamos. Passado. Para eles, um Messias crucificado era, por definição, um Messias fracassado.

E explica até a última pergunta que os discípulos fazem, já com Jesus ressuscitado na frente deles: “Senhor, é neste tempo que vais restaurar o reino a Israel?” (Atos 1:6). Mesmo depois da ressurreição, o molde velho ainda estava na cabeça deles.

O Novo Testamento não nega que Jesus é o Messias esperado. Ele afirma que Jesus é o Messias e, ao mesmo tempo, refaz por dentro o que essa palavra significa.

O Messias não veio derrubar Roma. Veio derrubar o pecado e a morte.

PARTE 7

O que é o Novo Testamento

Vinte e sete livros, quatro blocos

O Novo Testamento é um conjunto de vinte e sete escritos, produzidos ao longo de mais ou menos cinquenta anos, na segunda metade do primeiro século.

O nome Novo Testamento quer dizer nova aliança, e vem de dentro da própria Bíblia. O profeta Jeremias já tinha anunciado:

> *“'Estão chegando os dias’, declara o Senhor, ‘quando farei uma nova aliança com a comunidade de Israel e com a comunidade de Judá'”*
>
> Jeremias 31:31 (NVI)

A igreja pegou essa promessa e usou o nome dela para batizar o conjunto de livros que conta como ela se cumpriu. Ou seja, o próprio título já é uma declaração de fé: o que está aqui é a continuação da mesma história.

Esses vinte e sete livros se organizam em quatro blocos.

O primeiro bloco são os quatro Evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João. Eles narram a vida, o ensino, a morte e a ressurreição de Jesus.

O segundo bloco é um livro só: Atos dos Apóstolos. É o único livro de história do conjunto, e conta como o movimento cristão saiu de Jerusalém e chegou até Roma.

E aqui vai um aviso prático. Atos é a segunda parte de uma obra em dois volumes. O mesmo autor escreveu Lucas e Atos, para a mesma pessoa. É uma história só, contada em duas partes. Só que, na hora de arrumar a Bíblia, colocaram João no meio dos dois. É uma decisão de organização, e ela tem um custo: o leitor perde de vista que aquilo é uma narrativa contínua.

O terceiro bloco são as vinte e uma cartas. São cartas de verdade, escritas para igrejas de verdade, com problemas de verdade. Treze trazem o nome de Paulo, e vêm arrumadas na Bíblia por tamanho, das maiores para as menores, primeiro as escritas a igrejas e depois as escritas a pessoas. Isso quer dizer que a ordem em que elas aparecem não tem nada a ver com a ordem em que foram escritas.

O quarto bloco é o Apocalipse, palavra que quer dizer revelação, desvelamento, tirar o véu de cima de alguma coisa. É um tipo de escrito próprio, que usa visões, símbolos, animais e números para falar da história e do fim dela, e que era escrito para comunidades sofrendo perseguição.

A ordem da Bíblia não é a ordem em que foi escrita

Este ponto surpreende quase todo mundo.

Quando você abre o Novo Testamento, o primeiro livro é Mateus. É natural pensar que ele foi o primeiro a ser escrito. Não foi.

Os documentos cristãos mais antigos que temos não são os Evangelhos. São as cartas.

Paulo escreveu suas cartas antes de existir qualquer Evangelho escrito. As primeiras foram escritas por volta de vinte anos depois da morte e ressurreição de Jesus. Os Evangelhos vieram depois disso.

E a consequência prática disso é enorme para quem está começando a ler.

Durante uns vinte anos, a igreja cristã viveu sem ter um único Evangelho escrito. Não havia livro. Não havia texto para consultar.

O que existia era a pregação viva, feita de boca a boca, e a memória das pessoas que tinham visto Jesus com os próprios olhos. Gente que apontava para o próprio olho e dizia: eu vi.

E o próprio Lucas conta que foi assim que ele trabalhou. Ele abre o Evangelho dizendo:

> *“Muitos já se dedicaram a elaborar um relato dos fatos que se cumpriram entre nós, conforme nos foram transmitidos por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e servos da palavra”*
>
> Lucas 1:1-2 (NVI)

A igreja não nasceu de um livro. Nasceu de um túmulo vazio, e o livro veio depois para registrar o que as testemunhas contavam.

O que é um evangelho, e por que são quatro

A palavra evangelho quer dizer boa notícia. Mais precisamente, anúncio de vitória, o tipo de notícia que um mensageiro corria para levar quando a batalha tinha sido ganha.

E olhe o detalhe. Essa palavra era usada, no mundo romano, para falar do imperador. O nascimento do imperador Augusto foi anunciado numa inscrição como o começo das boas notícias para o mundo.

Aí Marcos abre o livro dele assim:

> *“Princípio do evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus”*
>
> Marcos 1:1 (NVI)

Entenda o tamanho do que ele está fazendo. Marcos está usando a linguagem do império e virando ela do avesso. A boa notícia não é o nascimento de César. É o nascimento de Jesus.

Isso, no primeiro século, era subversivo.

Agora, no começo a palavra evangelho não era o nome de um livro. Era o nome da mensagem. Só depois é que ela passou a nomear esse tipo de escrito que conta a história de Jesus.

E os Evangelhos não são biografias como as de hoje. Uma biografia moderna começa no nascimento e vai contando ano por ano. Os Evangelhos não fazem isso.

Eles são seletivos. Escolhem o que contar. Dão um peso enorme ao modo como o personagem morreu. E existem para provar um ponto: quem é esse homem.

É por isso que eles gastam uma quantidade impressionante de espaço com a última semana da vida de Jesus, e não falam quase nada sobre trinta dos seus trinta e poucos anos.

Não é descuido. Eles não estão tentando montar uma agenda completa. Eles estão argumentando com você.

E por que quatro, e não um?

Porque cada um escreve para um leitor diferente, e responde perguntas diferentes.

Mateus conversa com um leitor judeu. Cita o Antigo Testamento o tempo todo e insiste que Jesus é o cumprimento da Lei e dos Profetas.

Marcos é rápido, direto, curto e duro. Ele corre até a cruz e concentra tudo lá.

Lucas escreve como quem pesquisou e organizou os fatos, e tem um olho especial para quem estava embaixo: os pobres, as mulheres, os samaritanos, os estrangeiros.

João é diferente dos outros três. Ele para, pensa e reflete demoradamente sobre quem Jesus é, organizando o livro em torno de sinais e discursos.

Ainda no segundo século, um cristão tentou resolver a questão. Pegou os quatro Evangelhos e fundiu tudo num texto só, contínuo, sem repetição e sem diferença. Foi usado por um tempo em algumas igrejas, e depois foi abandonado.

A igreja preferiu ficar com quatro relatos que não se encaixam com perfeição a ficar com um relato harmonizado onde as pontas soltas foram aparadas.

Isso é importante. As diferenças entre os Evangelhos não são um acidente que ninguém percebeu. Elas foram vistas, discutidas, e mantidas de propósito.

> GUARDE ISTO
>
> Quatro testemunhas que contam a mesma verdade com palavras diferentes é sinal de honestidade. Quatro depoimentos idênticos, palavra por palavra, é sinal de combinação.

PARTE 8

Um roteiro de leitura para quem está começando

Agora que o cenário está montado, vamos ao que fazer com ele.

Comece por Lucas.

Comece por ele porque é o Evangelho que mais explica as coisas, o que mais se preocupa em situar os fatos dentro da história real, e o que se apresenta abertamente como uma pesquisa cuidadosa (Lucas 1:1-4).

E enquanto você lê Lucas, olhe para três coisas.

Olhe para as referências políticas, os nomes de imperadores e governadores (Lucas 2:1; 3:1-2). Você agora sabe quem são essas pessoas. Elas ancoram a história num mundo real.

Olhe para as pessoas que Lucas escolhe mostrar: as mulheres, os samaritanos, os publicanos, os pobres. Gente que estava na margem daquela sociedade, e que Lucas coloca no centro da narrativa.

E olhe, sobretudo, para o modo como Jesus recusa, uma vez após outra, o formato militar que o povo esperava, sem nunca abandonar a linguagem do reino. Ele não desiste de ser Rei. Ele redefine o que é reinar.

Depois de Lucas, siga direto para Atos. Sem parar, sem pular para outro livro no meio.

Os dois são uma obra só, e o próprio livro de Atos diz isso na primeira frase, retomando o fio de onde Lucas parou (Atos 1:1). O plano do livro está anunciado logo no começo (Atos 1:8), e a narrativa segue exatamente esse mapa, de Jerusalém até Roma.

E é lendo Atos que tudo o que você aprendeu aqui vira ferramenta na sua mão. Cada cidade que Paulo visita tem uma sinagoga. Em cada sinagoga há judeus da diáspora e estrangeiros tementes a Deus prontos para ouvir. Você vai reconhecer o cenário, porque agora você sabe como ele foi montado.

Um aviso importante antes de ler Atos

Antes de você abrir Atos, guarde uma regra que evita muita confusão.

Atos é um livro de narrativa. E narrar não é o mesmo que mandar.

Contar o que aconteceu não é a mesma coisa que ordenar o que deve acontecer sempre.

Atos conta que os apóstolos escolheram Matias tirando sortes, como quem tira palitinho (Atos 1:26). Isso não quer dizer que a sua igreja deve escolher os líderes tirando sortes.

Atos conta que os cristãos de Jerusalém venderam suas propriedades e repartiram tudo entre si (Atos 2:44-45). Foi um gesto lindo, num momento específico, com uma necessidade específica. Isso não vira automaticamente uma lei para todas as igrejas de todos os tempos.

Atos conta que Paulo circuncidou Timóteo por uma razão estratégica (Atos 16:3), o mesmo Paulo que escreveu uma carta inteira defendendo que ninguém precisa se circuncidar.

Cada uma dessas passagens descreve o que aconteceu. E cada uma delas precisa ser pesada: isso foi um episódio daquela história, foi uma orientação para aquele momento, ou é um princípio permanente para todos?

Aprenda esta distinção e ela vai te servir a vida inteira. A carta é o lugar onde a igreja primitiva formula a regra. A narrativa é o lugar onde ela conta o que fez.

Ler os dois com o mesmo peso de lei é a origem de boa parte das brigas que dividem igrejas até hoje.

E depois

Depois de Atos, leia Marcos. É curto e rápido. Como você já leu Lucas, vai parecer familiar, e é exatamente aí que você percebe pela primeira vez o que muda quando o mesmo episódio é contado por outro autor, com outro propósito.

Em seguida, com Atos ainda fresco na memória, leia uma carta curta de Paulo. Filipenses é uma boa escolha: foi escrita da prisão, para uma igreja que Paulo fundou numa cidade cuja história você acabou de ler em Atos 16.

Faça isso e a carta deixa de ser um bloco de doutrina solta no ar. Ela vira o que sempre foi: correspondência entre pessoas cuja história você conhece.

Só então volte para Mateus, prestando atenção nas citações do Antigo Testamento e na insistência dele no cumprimento das promessas. E só depois vá para João, que é diferente dos outros três e recompensa quem lê devagar.

Deixe Romanos para quando o resto estiver assentado. E deixe o Apocalipse por último, sabendo desde já que ele é um livro feito de símbolos, escrito para igrejas que estavam sofrendo perseguição do império, e não um mapa cifrado do jornal de hoje.

PARTE 9

Perguntas para você levar

Boa parte das pessoas que rejeitou Jesus era gente devota. Gente que ia à sinagoga. Gente que sabia citar as Escrituras de cor. Gente que esperava de Deus algo bem definido, e tinha versículo para sustentar essa expectativa.

Elas não erraram por falta de Bíblia. Erraram porque já tinham decidido, antes de Deus falar, o que Deus deveria fazer.

E a última, que é a que mais dói.

1. Se os fariseus concordavam com Jesus sobre a ressurreição, os anjos, a autoridade das Escrituras e o dever de obedecer a Deus, o que exatamente estava em jogo naquelas discussões, e o que sobra da imagem do fariseu hipócrita quando a briga era entre pessoas que acreditavam quase nas mesmas coisas?
2. Se a igreja preferiu ficar com quatro Evangelhos que não batem em cada detalhe, em vez de um só relato costurado sem nenhuma diferença, o que essa escolha diz sobre o que os cristãos antigos entendiam por testemunho honesto?
3. Quais expectativas você já formou a respeito de Deus, e sustenta com versículo, que podem estar te impedindo de reconhecer o que ele está de fato fazendo na sua vida agora?

CONCLUSÃO

O que fica

Recapitule comigo o que aconteceu naqueles quatrocentos anos em que Deus parecia calado.

Nasceu uma língua que o mundo inteiro entendia, e é nela que o Novo Testamento seria escrito.

Nasceu uma tradução das Escrituras para essa língua, e é por ela que os estrangeiros conheceriam o Deus de Israel antes de qualquer missionário bater na porta deles.

Nasceu a sinagoga, e é por ela que a pregação cristã entraria em cada cidade do império.

Roma construiu estradas para mover exércitos, e são essas estradas que os missionários usariam para mover o evangelho.

E se formou, dentro das sinagogas do mundo inteiro, um público de estrangeiros que já conhecia as Escrituras e já estava com a mão na maçaneta da porta.

Nada disso é coincidência. Isso é providência.

Quando Paulo escreve que Deus enviou o seu Filho na plenitude do tempo, ele não está usando uma expressão bonita e vaga. Ele está falando de coisas concretas: uma língua, uma tradução, uma rede de casas de reunião, um sistema de estradas e um mundo pronto.

Deus não estava calado. Ele estava trabalhando.

Os quatrocentos anos não foram um vazio na história. Foram o canteiro de obras dela.

E ao mesmo tempo, esses mesmos quatrocentos anos produziram uma expectativa que o Messias veio e frustrou. Quem esperava um novo Judas Macabeu, de espada na mão, recebeu um homem pregado numa cruz. E a cruz era exatamente a resposta que Roma dava aos homens de espada.